

3 de dezembro de 1958

Lição IV

3 de Dezembro de 1958

Artigo de Glover no livro de Brierley, I. J. P. XX - julho - outubro 1939 (isto é, nº 3 do XX) - pgs. 299 a 308 [referências na lousa].

Eu os deixei da última vez com um sonho, esse sonho extremamente simples - pelo menos em aparência. Eu lhes disse que nós nos exercitaríamos sobre ele ou a respeito dele, articulando o sentido próprio que damos a este termo que é o desejo do sonho, e o sentido daquilo que é uma interpretação. Nós vamos retomar isto. Eu penso que, sobre o plano teórico, ele tem também o seu preço e o seu valor.

Eu mergulho nos tempos atuais em uma releitura, depois de tantas outras, dessa *Ciência dos sonhos*, da qual eu lhes disse que era a que iríamos pôr, primeiramente, em causa, neste ano, a propósito do desejo e de sua interpretação. E devo dizer que, até certo ponto, me deixei levar a fazer a crítica de que isso seja um livro, e é bem conhecido, do qual conhecemos muito mal os desvios na comunidade analítica. Eu diria que essa crítica, como toda crítica por sinal, tem uma espécie de outra face que é uma face de desculpa, pois na verdade ainda não basta tê-la percorrido cem e cem vezes para lembrá-la, e eu creio que há aí o fenômeno - isso me marcou mais especialmente nestes dias - que nós conhecemos bem. No fundo cada um sabe o quanto tudo o que diz respeito ao inconsciente se esquece. Eu quero dizer, por exemplo, que é muito sensível, e de modo totalmente significativo, e realmente absolutamente inexplicado fora da perspectiva freudiana, o quanto esquecemos essas histórias engraçadas, e boas histórias, aquilo que chamamos espíritosidade [*traits d'esprit*]. Vocês estão em uma reunião de amigos e alguém apresenta algo espíritoso, ou mesmo uma história engraçada, faz uma gracinha no início da reunião ou no final do almoço, e enquanto passamos ao café vocês se perguntam: “O que é que pôde dizer de tão engraçado, agora há pouco, esta pessoa que se encontra aí à minha direita?” E vocês não recolocarão a mão sobre isso. É quase uma assinatura que aquilo que é justamente traço de espírito escape ao inconsciente.

Quando lemos ou releemos *A Ciência dos sonhos*, temos a impressão de um livro, eu diria mágico, se a palavra mágica não se prestasse no nosso vocabulário, infelizmente, a tanta ambigüidade ou mesmo erros. Passeamos realmente na *Ciência dos sonhos* como no livro do inconsciente, e é por isso que temos tanta dificuldade - esta coisa é tão articulada - de mantê-lo, assim mesmo, em conjunto. Eu creio que se há aí um fenômeno que merece ser notado a tal ponto, e especialmente, é que se acrescenta a isto a deformação verdadeiramente quase insensata da tradução francesa da qual verdadeiramente, mas vou, mas acho que, no entanto, não podemos realmente desculpar as grosseiras imprecisões. Há alguns dentre vocês que me pedem explicações e eu me refiro imediatamente aos textos: há na quarta parte, *A elaboração dos sonhos*, no capítulo intitulado *A tensão tomada na enunciação* da qual a tradução francesa da primeira página é mais que um tecido de imprecisões, e não tem nenhuma relação com o texto alemão¹. Isso embaralha, isso engana. Eu não insisto. Evidentemente tudo isso não torna especialmente fácil o acesso aos leitores franceses à *Ciência dos sonhos*.

Para voltar ao nosso sonho da última vez que começamos a decifrar de um modo que talvez não lhes tenha parecido muito fácil, mas no entanto inteligível (pelo menos eu

¹ FREUD, S.: *L'interprétation des rêves* (trad. I. Meyerson), Paris, 1926, P.U.F., pp. 291 e ss.

3 de dezembro de 1958

espero!) para ver bem aquilo de que se trata, para articulá-lo em função do nosso grafo, vamos começar com algumas observações.

Trata-se, portanto, de saber se um sonho nos interessa, no sentido de onde ele interessa a Freud, no sentido de realização de desejo. Aqui o desejo e sua interpretação é, primeiramente, o desejo em sua função no sonho, enquanto que o sonho é sua realização. Como é que vamos poder articulá-lo?

Eu vou, primeiramente, pôr adiante um outro sonho, um sonho primeiro que lhes dei e do qual vocês verão o valor exemplar. Ele realmente não é muito conhecido, é preciso ir buscá-lo em um canto. Há aí um sonho o qual, creio, ninguém dentre vocês ignora a existência; ele está no início do capítulo III cujo título é *O sonho é uma realização de desejo*², e trata-se dos sonhos de crianças enquanto nos são dados como aquilo que eu chamarei um primeiro estado do desejo no sonho.

O sonho de que se trata está aí desde a primeira edição da *Traumdeutung* e ele nos é dado no início de sua apelação diante de seus leitores de então, nos diz Freud, como a questão do sonho. É preciso ver também este lado de exposição, de desenvolvimento que há na *Traumdeutung* o que nos explica muitas coisas, em particular que as coisas podem ser levadas primeiro de um modo, de alguma forma massivo, que comporta uma certa aproximação. Quando não olhamos muito atentamente este trecho, nos limitamos ao que ele nos diz, do caráter de algum modo direto, sem deformação, sem *Entstellung* do sonho; isto designando simplesmente a forma geral que faz com que o sonho nos apareça sob um aspecto que é profundamente modificado quanto ao seu conteúdo profundo, seu conteúdo pensado, sendo que no caso da criança isto seria simplérrimo: o desejo iria diretamente aí, da maneira mais direta, ao que ele deseja, e Freud nos dá aí vários exemplos disto, e o primeiro vale naturalmente que nos lembremos porque ele dá realmente a fórmula dele.

“Minha filha mais nova (é Anna Freud), que tinha na ocasião dezanove meses, teve, numa bela manhã, vômitos e foi posta em dieta, e na noite que se seguiu a esse dia de fome a ouvimos chamar durante seu sonho: “*Anna F.eud, Er(d)beer (que é a forma infantil de pronunciar esses morangos), Hochbeer (que quer dizer igualmente morangos), Eier(s)peis (que corresponde mais ou menos à palavra flan), e enfim Papp (papinha)*”³” E Freud nos diz: “Ela utilizava, portanto, do seu nome para expressar a tomada de posse e a enumeração de todos esses pratos prestigiosos ou que lhe pareciam tais, uma alimentação digna de desejo.” Que esses morangos aparecessem (aí sob a forma de duas variedades, *Erdbeer* e *Hochbeer*; eu não consegui resituar *Hochbeer*; mas o comentário de Freud assinala duas variedades); é uma demonstração, uma manifestação contra a polícia sanitária da casa, e tem seu fundamento na circunstância muito bem notada por ela que a babá tinha na véspera atribuído sua indisposição a um pequeno abuso na absorção de morangos, e desse conselho importuno, incômodo, dessa observação, ela tinha tomado, de imediato, no sonho, sua revanche.”

Eu deixo de lado esse sonho do sobrinho Hermann, que apresenta outros problemas. Mas, por outro lado, eu farei caso, voluntário, de uma pequena nota que não está na primeira edição por estar elaborada ao longo de discussões (enfim, de ecos relatados de escola), e

² FREUD, S.: *op. cit.*, p. 113.

³ FREUD, S., *op. cit.*, p. 120.

3 de dezembro de 1958

para a qual Ferenczi contribuiu trazendo como recurso o provérbio que diz o seguinte: “O porco sonha com frutos, o ganso sonha com milho”, e, no texto, Freud, também nesse momento, levou em conta um provérbio que, creio, não é tomado tanto de empréstimo do contexto alemão, levando em conta a forma que o milho aí toma: “Com que sonha o ganso? Com milho”; e finalmente o provérbio judeu: “Com que sonha a galinha? Ela sonha com milhã [millet, tipo de cereal]”⁴.

Nós vamos nos deter aí, vamos até mesmo começar fazendo um pequeno parêntese, porque, afinal de contas, é neste nível que é preciso abordar o problema que ontem evoquei a respeito da comunicação de Granoff⁵ sobre o problema essencial, a saber: a diferença da diretriz do prazer e da diretriz do desejo.

Voltemos um pouco sobre a diretriz do prazer, e uma de uma vez por todas, tão rapidamente quanto possível, coloquemos os pontos sobre os ii. Isso tem, evidentemente também, a mais estreita relação com as questões que me são colocadas ou que se colocam a respeito da função que eu dou - naquilo que Freud chama o processo primário - à *Vorstellung* em resumo, não é senão um desvio. É preciso conceber o seguinte: o que, de qualquer forma, entra nesse problema da função da *Vorstellung* no princípio do prazer, Freud interrompe. Em suma, poderíamos dizer que lhe é preciso um elemento para reconstruir aquilo que ele percebeu na sua intuição, enfim é preciso que frisemos ser próprio à intuição genial introduzir no pensamento alguma coisa que até então não havia sido absolutamente percebida, esta distinção do processo primário como sendo alguma coisa separada do processo secundário. Nós não percebemos nem um pouco aquilo que há de original. Nós poderíamos pensar sempre assim, que seria alguma coisa que seja de qualquer forma comparável à idéia de que isso esteja no instante anterior. Portanto, na sua síntese, na sua composição isso não tem absolutamente nada a ver: o processo primário significa a presença do desejo, mas não de qualquer um, do desejo aí onde ele se apresenta como o mais despedaçado, e o elemento perceptivo de que se trata, é com isto que Freud vai explicar-se, vai nos fazer compreender do que se trata.

Em suma, lembrem-se dos primeiros esquemas que Freud nos dá concernentes àquilo que acontece quando só o processo primário está em jogo. O processo primário quando ele é o único em jogo, desemboca na alucinação, e essa alucinação é alguma coisa que se produz por um processo de regressão, de regressão que ele chama, muito precisamente, regressão tópica. Freud fez vários esquemas do que motiva, do que estrutura o processo primário, mas eles tem tudo isso em comum, que supõem como sua base alguma coisa que seja o percurso do arco-reflexo, via aferente e aferência de alguma coisa que se chama sensação; via eferente e eferência de alguma coisa que se chama motilidade.

Sobre esta via, de um modo, eu diria, horrivelmente discutível, a percepção é posta como alguma coisa cumulativa, que se acumula em algum lugar do lado da parte sensorial, do afluxo de excitações, do estímulo do meio exterior, e estando postas nesta origem daquilo que se passa no ato, muitas outras coisas supostas estar depois - e nomeadamente, é aí que ele inserirá toda a continuação das camadas sobrepostas que vão desde o inconsciente, passando pelo pré-consciente e a continuação - para desembocar aqui em algo que passa ou que não passa para a motilidade.

⁴ *Op. cit.*, p. 122.

⁵ GRANOFF, W., “Ferenczi, faux problème ou vrai malentendu”, sessão científica da S.F.P. de 2-XII-1958, em *Psychanalyse* n.º 7, pgs. 255-282.

3 de dezembro de 1958

Vejamos bem aquilo de que se trata cada vez que ele nos fala daquilo que se passa no processo primário. Acontece um movimento regressivo. Sempre quando a saída da excitação para a motilidade por uma razão qualquer é barrada se produz alguma coisa que é da ordem regressiva e que aqui aparece uma *Vorstellung* alguma coisa que se encontra dando à excitação em questão uma satisfação alucinatória, propriamente falando.

Aí está a novidade que é introduzida por Freud. Isto, literalmente, vale principalmente se nós pensamos na ordem, na qualidade da articulação dos esquemas de que se trata, que são esquemas que são dados, em suma, pelo seu valor funcional; eu quero dizer para estabelecer - Freud o diz expressamente - uma seqüência, uma série da qual ele sublinha que ainda é mais importante, por sinal, considerá-la como seqüência temporal que como seqüência espacial. Isto vale, eu diria, por sua inserção em um circuito, e eu digo que, em suma, aquilo que Freud nos descreve como sendo o resultado do processo primário, é que de certa forma, sobre esse circuito, alguma coisa se acende. Eu não farei aí uma metáfora, só farei dizer em substância aquilo que Freud tira da explicação na ocasião, da tradução daquilo de que se trata, isto é, lhes mostrar sobre o circuito com finalidade homeostática, sempre implicitamente, a noção de refleximetria, e de distinguir essa série de relés, e o fato de que se passa alguma coisa no nível de um destes relés, alguma coisa que, em si, toma um certo valor de efeito terminal em certas condições; é alguma coisa que é totalmente idêntica aquilo que nós vemos se produzir em uma máquina qualquer, sob a forma de uma série de lâmpadas, se assim posso dizer, cujo fato de uma dentre elas, entrando em atividade, indicar precisamente não tanto isso que aparece, a saber, um fenômeno luminoso, mas uma certa tensão, alguma coisa que se produz, aliás, em função de uma resistência e indicar o estado em um ponto dado do conjunto do circuito. E então, digamos a palavra, isso não responde de forma alguma ao princípio da necessidade, pois, é claro, nenhuma necessidade é satisfeita por uma satisfação alucinatória.

A necessidade exige, para ser satisfeita, a intervenção do processo secundário, e mesmo dos processos secundários, pois há uma grande variedade deles, os quais, só se pagam, como o nome o indica, com realidade, eles estão submetidos ao princípio de realidade. Se há processos secundários que se produzem, eles só se produzem porque houve processos primários. Só que é tão evidente quanto esta obviedade: que aqui essa aparição torna impensável o instinto sob qualquer forma que possamos concebê-lo. Ele aí é volatilizado, pois reparem bem aonde se dirigem todas as pesquisas sobre o instinto, e mais especialmente, as pesquisas modernas mais elaboradas, as mais inteligentes. Elas visam o quê? A se realizar como uma estrutura que não é puramente pré-formada - nós não estamos mais aí, não vemos o instinto como M. Fabre; é uma estrutura que engendra, que entretêm sua própria cadeia - como estas estruturas desenham no real caminhos para objetos ainda não experimentados.

Aí está o problema do instinto e nós lhes explicamos que há um estado apetitivo, um estado de conduta, de pesquisa. O animal, numa dessas fases, se põe num certo estado cuja motilidade se traduz por uma atividade em todo o tipo de direções. E, no segundo estágio, na segunda etapa, é um estado de desencadeamento especializado, mas mesmo se esse desencadeamento especializado desemboca no final em uma conduta que os engana, isto é, se vocês quiserem, a tomada do fato de que ele se apossa de alguns panos coloridos. Não fica por menos que, estes panos, eles os detectaram no real.

O que eu quero lhes indicar aqui, é que uma conduta alucinada se distingue da maneira mais radical de uma conduta auto-guiável do investimento regressivo, se assim podemos

3 de dezembro de 1958

dizer, de alguma coisa que vai se traduzir pelo acendimento de uma lâmpada sobre circuitos condutores. Isto pode, a rigor, iluminar um objeto já ressentido, - se esse objeto por acaso já está aí, ele não mostra de forma alguma o caminho disso, e menos ainda, é claro, se ele o mostra, mesmo quando ele não está aí - o que se produz de fato no fenômeno alucinatorio; pois, no máximo, ele pode inaugurar a partir daí o mecanismo da busca, e é bem o que acontece. Freud no-lo articula, igualmente, a partir do processo secundário, o qual, em suma, preenche o papel do comportamento instintual, mas distingue-se disso absolutamente por outro lado, já que o processo secundário, pelo fato da existência do processo primário, vai ser (Freud o articula - eu não subscrevo tudo isso, eu lhes repito o sentido daquilo que Freud articula) um comportamento de colocação à prova da realidade, esta *Erfahrung* antes ordenada como efeito de lâmpada no circuito. Isto vai ser uma conduta de julgamento, a palavra é proferida quando Freud explica as coisas neste nível.

Afinal de contas, segundo Freud, a realidade humana se constrói sobre um fundo de alucinação prévia, o qual é o universo do prazer em sua ilusão, em sua essência, e todo este processo é perfeitamente confessado, eu não digo nem mesmo traído! e perfeitamente articulado nos termos que Freud utiliza sem parar, cada vez que ele deve explicar a sucessão das pegadas nas quais se decompõe o termo, e, na *Traumdeutung* no nível onde ele fala do processo do aparelho psíquico, ele mostra essa sucessão de camadas onde vêm imprimir-se, e não é nem mesmo imprimir-se, inscrever-se - cada vez que ele fala nesse texto e em todos os outros, são termos como *niederschreiben* - e que, gravados na sucessão de camadas, aí serão regulados. Ele os articula diferentemente, segundo os diferentes momentos de seu pensamento. Em uma primeira camada, por exemplo, será por relações de simultaneidade; em outras, empilhadas umas sobre as outras; em outras camadas, elas serão ordenadas. Essas impressões, por outras relações, separa o esquema de uma sucessão de inscrições, de *Niederschriften* que se sobrepõem umas às outras em uma palavra que não podemos traduzir. [É] por um tipo de espaço tipográfico que devem ser concebidas todas as coisas que se passam originalmente, antes da chegada, em uma outra forma de articulação que é aquela da pré-consciência, a saber, mui precisamente no inconsciente.

Esta verdadeira topologia de insignificantes, pois não escapamos disso (tão logo seguimos bem a articulação de Freud, é disso de que se trata), e na carta 52 a Fliess, vemos que ele é levado necessariamente a supor, na origem, uma espécie de ideal, que não pode ser tomado como uma simples *Wahrnehmung* tomada de verdade. Se nós a traduzimos literalmente, essa topologia de significantes, chegamos a *begriffen*, um termo que ele emprega sem parar, a tomada da realidade; ele não chega aí pela via tri-eliminatória, de tri-seletivo, do que for que se pareça com aquilo que foi dado em toda teoria do instinto como sendo o primeiro comportamento aproximativo que dirige o organismo nas vias do sucesso do comportamento instintual.

Não é disto de que se trata, mas de um tipo de crítica verdadeira, de crítica recorrente, de crítica desses significantes evocados no processo primário; a qual, é claro, como toda crítica, não elimina a anterior na qual se apóia, mas o complica. Complica-o conotando-o de quê? De índices de realidade que são eles mesmos de ordem significativa. Não há meio algum de escapar desta acentuação daquilo que articulo como sendo o que Freud concebe e nos apresenta como processo primário. Por pouco que vocês retomarem um dos textos quaisquer que foram escritos por Freud vocês verão que nas diferentes etapas de sua doutrina ele articulou, repetiu cada vez que ele teve de abordar esse problema, quer se trate da *Traumdeutung* ou daquilo que está na introdução à *Ciência dos sonhos*, e em seguida daquilo que ele retomou mais tarde quando trouxe o segundo modo de exposição de sua tópica,

3 de dezembro de 1958

isto é, a partir dos artigos agrupados em torno de *A psicologia do eu* [moi] e de *Além do princípio de prazer*.

Vocês me permitirão, por um instante, imaginar-me brincando com as etimologias, o que quer dizer esta “tomada de verdade” que conduziria um tipo de sujeito ideal ao real, a alternativas por onde o sujeito induz o real em suas proposições, *Vorstellung(en)*, aqui eu o decomponho articulando assim: *Vorstellung(en)* tem uma organização significativa. Se nós quiséssemos falar delas em outros termos que não os termos freudianos, nos termos pavlovianos, diríamos que elas fazem parte, desde a origem, não de um primeiro sistema de significações, não de alguma coisa de ligado sobre a tendência da necessidade, mas de um segundo sistema de significações. Elas parecem com alguma coisa que é o acendimento da lâmpada na máquina de dinheiro [fliperama] quando a bola cai no buraco certo. E o sinal que a bola caiu no buraco certo, Freud o articula igualmente: o buraco certo, quer dizer, o mesmo buraco no qual a bola caiu anteriormente. O processo primário não visa a busca de um objeto novo mas de um objeto a reencontrar, e isso pela via de uma *Vorstellung* reevocada, porque era a *Vorstellung* correspondente a uma primeira busca, sendo que o acendimento dessa lâmpada dá direito a um prêmio; isso não é duvidoso, e é isso o princípio do prazer. Mas para que esse prêmio seja honrado, é preciso que haja uma certa reserva de dinheiro na máquina, e a reserva de dinheiro na máquina, no caso, está voltada a esse segundo sistema de processo que se chama os processos secundários. Em outros termos, o acendimento da lâmpada não é senão uma satisfação ao interior da convenção total da máquina, enquanto que essa máquina é aquela do jogador a partir do momento em que ele joga.

A partir daí retomemos nosso sonho da Anna. Esse sonho da Anna nos é dado para o sonho da nudez do desejo. Parece-me que é totalmente impossível, na revelação desta nudez, de eludir, de elidir o próprio mecanismo onde essa nudez se revela; dito de outro modo, que o modo dessa revelação não pode ser separado dessa própria nudez.

Eu tenho a idéia de que esse sonho, tido como supostamente descoberto, nós só o conhecemos, no caso, por ouvir dizer - e quando digo por ouvir dizer, isso não quer dizer nem um pouco aquilo que alguns me fizeram dizer, que em suma, trata-se aí de uma observação sobre o fato de que nós não sabíamos nunca que alguém sonha, a não ser através daquilo que nos conta, e que, em suma, tudo o que se refere no sonho deveria ser posto na inclusão, entre parênteses, no fato de se o narrar.

Não é certamente indiferente que Freud concede tanta importância à *Niederschrift* que constitui esse resíduo do sonho, mas fica bem claro que essa *Niederschrift* se refere a uma experiência na qual o sujeito nos presta conta. É importante ver que Freud está muito longe de reter, mesmo por um só instante, as objeções no entanto evidentes que surgem do fato que uma coisa é um encontro falado, outra coisa é uma experiência vivida. É a partir daí que nós podemos conectar a observação de que o fato de que ele os afasta com tal vigor e mesmo que ele conceda..., que ele faça partir disso toda a sua análise expressamente - até o ponto de aconselhá-lo como uma técnica do *Niederschrift*, daquilo que está aí “deitado em escritos” do sonho - nos mostra justamente aquilo que, no fundo, ele pensa dessa experiência vivida, a saber, que ela tem toda a vantagem em ser abordada assim, já que ele não tentou, é claro, articulá-la, ela mesma já está estruturada em uma série de *Niederschriften*, em uma espécie de escritura em palimpsesto, se assim podemos dizer.

Se pudéssemos imaginar um palimpsesto onde os diversos textos superpostos mantivessem uma certa relação, tratar-se-ia ainda de saber qual, uns com os outros. Mas se

3 de dezembro de 1958

vocês procurassem qual, veriam que seria uma relação muito mais a ser buscada na forma de letras do que no sentido do texto. Não estou, portanto, dizendo isso.

Eu digo que, na ocasião, aquilo que nós sabemos do sonho é, propriamente, aquilo que nós sabemos atualmente, no momento em que se passa, como um sonho articulado; dito de outro modo, o grau de certeza que nós temos concernente a esse sonho é alguma coisa que está ligada ao fato de que nós estaríamos, igualmente, muito mais certos daquilo que sonham porcos e gansos se eles mesmos nos contassem.

Mas nesse exemplo original nós temos mais! Isto é, o sonho surpreendido por Freud tem esse valor exemplar de ser articulado em viva voz durante o sono, o que não deixa nenhuma espécie de ambigüidade sobre a presença do significante no seu texto atual.

Não há aí nenhuma dúvida possível para se jogar sobre um fenômeno que diz respeito ao caráter, se assim podemos dizer, sobreacrescentado de informações a respeito do sonho que poderia aí tomar a palavra. Nós sabemos que Anna Freud sonha porque ela articula: “*Anna F.eud, Er(d)beer, Hochbeer, Eier(s)peis, Papp!*” As imagens do sonho, das quais nós não sabemos nada no caso, encontram, portanto, aqui, um afixo, se eu posso me expressar assim, com a ajuda de um termo emprestado na teoria de números complexos, um afixo simbólico nessas palavras onde vemos de alguma forma o significante se apresentar no estado flocular [*floculq*], isto é, em uma série de nomações, e esta nomação constitui uma seqüência cuja escolha não é indiferente. Pois, como Freud nos diz, essa escolha é precisamente de tudo o que lhe foi interdito, inter-dito, daquilo que, à demanda de quê lhe digamos que “Não! Não era para pegar”, e este denominador comum introduz uma unidade em sua diversidade, sem que possamos nos impedir, igualmente, de notar que, inversamente, essa diversidade reforça essa unidade, e mesmo a designa. É, em suma, essa unidade que essa série opõe totalmente à eletividade da satisfação da necessidade, tal qual o exemplo do desejo imputado ao porco como ao ganso. O desejo, por sinal, vocês só precisam pensar no efeito que isso faria se, ao invés, no provérbio, de se dizer que o porco sonha de *kukuruz (milho)*, nós fizéssemos uma enumeração de tudo aquilo que seria suposto o porco sonhar, vocês veriam que faz um efeito bem diferente. E mesmo se quiséssemos pretender que só uma insuficiência da educação da garganta impede o porco e o ganso de nos fazer em saber tanto, e mesmo se pudéssemos dizer que nós poderíamos chegar a completar, percebendo em um caso, como no outro, e encontrando o equivalente, se vocês quiserem, dessa articulação em alguns gemidos detectados em suas mandíbulas, não ficaria por menos que seria pouco provável que acontecesse isso, a saber, que os animais se nomeassem, como fez Anna Freud na seqüência. E admitamos, mesmo que o porco se chame Totó e o ganso Bel Azor, se mesmo alguma coisa se produzisse desse tipo, aconteceria que ele se nomearia em uma linguagem na qual seria dessa vez bem evidente, por sinal (nem mais nem menos evidente que no homem, mas no homem isso se vê menos), que essa linguagem não tem precisamente nada a ver com a satisfação de sua necessidade, já que este nome, eles o teriam no pátio, isto é, em um contexto de necessidades do homem e não das suas.

Dito de outro modo, desejamos nos deter sobre o fato, e nós o dissemos há pouco que: 1º) Anna Freud articula que há o mecanismo da motilidade, e nós diremos que de fato ele não está ausente desse sonho, sendo por aí que nós o conhecemos. Mas esse sonho revela, pela estruturação significativa de sua seqüência, que 2º), queremos que nessa seqüência detenhamo-nos no fato de que, de cara, da seqüência, literalmente, há uma mensagem, como vocês podem ver ilustrado, se souberem como comunicamos no interior de uma dessas máquinas complicadas que são aquelas da era moderna, por exemplo, da ponta à

3 de dezembro de 1958

cauda de um avião. Quando telefonamos de uma cabine a uma outra, começamos anunciando o quê? E nós anunciamos, anunciamos aquele que fala. Anna Freud, aos dezenove meses, durante o seu sonho anúncio, diz: “**Anna F.eud**”, e ela faz sua série. Eu diria quase que nós só esperamos por uma coisa após tê-la ouvido articular seu sonho, é que ela dissesse no final: “Terminado!”

Estamos, pois, introduzidos àquilo que chamo a topologia do recalque, a mais clara, a mais formal igualmente, e a mais articulada, a qual Freud nos sublinha que essa topologia não saberia, de modo algum, se ela é aquela de um outro local (como ele ficou tão surpreso na leitura de Fechner, a ponto que, sentimos, foi para ele uma espécie de relâmpago, de iluminação, de revelação), mas ao mesmo tempo, no momento mesmo onde eles nos fala, em duas ocasiões pelo menos, sendo que alguém na *Traumdeutung* da [*andere Schauplatz*], ele sublinha ainda que não se trata de forma alguma de um outro local neurológico. Nós dizemos que este “outro local” deve ser buscado na estrutura do próprio significante.

Então o que eu tento lhes mostrar aqui é a estrutura do próprio significante, desde que o sujeito aí se engaje, quero dizer, com as hipóteses mínimas que exige o fato de que um sujeito entre no seu jogo - eu digo desde que o significante sendo dado e o sujeito sendo definido como aquilo que vai aí entrar no significante, e nada mais, as coisas se ordenam necessariamente. E a partir dessa necessidade todos os tipos de conseqüências vão decorrer disso, que há uma topologia da qual é preciso e da qual basta que nós a concebamos como constituída por duas cadeias sobrepostas, e é nisto que nós avançamos.

Aqui, no nível do sonho de Anna Freud, como é que as coisas se apresentam? É certo que se apresentam de uma maneira problemática, ambígua, que permite para Freud - que legitima, até um certo ponto, de distinguir uma diferença entre o sonho da criança e o sonho do adulto.

Onde se situa a cadeia das nomações que constituem o sonho de Anna Freud? Na cadeia superior ou na cadeia inferior? É uma questão da qual vocês puderam notar que a parte superior do grafo representa essa cadeia sob a forma pontilhada, pondo o acento sobre o elemento de descontinuidade do significante, sendo que a cadeia inferior do grafo, nós a representamos contínua. E, por outro lado, eu lhes disse que fica claro em todo o processo, as duas cadeias estão interessadas.

No nível onde nós colocamos a questão, o que quer dizer a cadeia inferior? A cadeia inferior, ao nível da demanda, e enquanto lhes disse que o sujeito falante aí tomava essa solidez emprestada à solidariedade sincrônica do significante, fica bem evidente que é algo que participa da unidade da frase, desse algo que faz falar, de um modo que fez correr tanta tinta, da função da holófrase, da frase enquanto que “tudo”. E que a holófrase existe, isso não há dúvida, holófrase tem um nome, é a interjeição.

Se vocês quiserem, para ilustrar ao nível da demanda aquilo que representa a função da cadeia inferior, “é pão!”, ou “socorro!” - eu falo no discurso universal, não falo do discurso da criança por enquanto. Ela existe, essa forma de frase, eu diria mesmo que, em alguns casos, ela toma um valor perfeitamente apressado e exigente. É disto o de que se trata, é a articulação da frase, é o sujeito enquanto que essa necessidade, que, sem dúvida, deve passar pelo desfilar do significante enquanto necessidade, expresso de uma maneira deformada, mas pelo menos monolítica, com a única diferença que o monolito de que se trata é o próprio sujeito, nesse nível que o constitui.

3 de dezembro de 1958

O que se passa na outra linha, é perfeitamente outra coisa. O que podemos dizer disso não é fácil de dizer, mas por uma boa razão, é que é justamente aquilo que está na base daquilo que se passa na primeira linha, a de baixo. Mas seguramente o que nós vemos, é que mesmo em alguma coisa que nos é dada por tão primitivo quanto esse sonho de criança, o sonho de Anna Freud, alguma coisa nos marca, que aqui o sujeito não é simplesmente constituído na frase e pela frase, no sentido em que, quando o indivíduo, ou a multidão, ou o tumulto grita: “Pão!”, sabemos muito bem que aí todo o pensamento da mensagem porta sobre o emissor, quero dizer que é ele o elemento dominante, e sabemos mesmo que esse grito por si só basta, justamente nas fórmulas que eu acabo de evocar, para constituí-lo, este emissor, mesmo se ele é de cem bocas, de mil bocas, como um sujeito é perfeitamente único. Não há necessidade de anunciar-se, a frase o anuncia suficientemente. Enquanto nós nos encontramos, no entanto, diante disso, que o sujeito humano, quando ele opera com a linguagem, se conta, e é até mesmo a sua posição primitiva que não sei se vocês se lembram de um certo teste do senhor Binet, a saber, as dificuldades que tem o sujeito de ultrapassar essa etapa que considero muito mais sugestiva que tal ou tal etapa indicada pelo senhor Piaget, e essa etapa (eu não lhes direi porque eu não quero entrar em detalhes) parece como que distintiva e consiste em que o sujeito se aperceba que há alguma coisa que não bate na frase: “Eu tenho três irmãos, Paul, Ernest e eu”. Até uma etapa bastante avançada, isso lhe parece de todo natural, e por um motivo melhor, porque na verdade tudo aí é a implicação do sujeito humano no ato da palavra: é que ele aí se conta, é que ele se nomeia, e que, por conseguinte, aí está a expressão, se assim posso dizer, a mais natural, a mais coordenada. Simplesmente a criança não encontrou a boa fórmula que seria evidentemente esta: “Nós somos três irmãos: Paul, Ernest e eu”, mas com a diferença de que nós estaríamos muito longe de ter algo para recriminá-lo [estando] dadas as ambigüidades da função do ser e do ter. É claro que é preciso que um passo seja ultrapassado para que, em suma, aquilo de que se trata, a saber, que a distinção do eu [Je] enquanto sujeito do enunciado e do eu [Je] enquanto sujeito da enunciação seja feita, pois é disso que se trata.

O que se articula no nível da primeira linha quando nós fazemos o passo seguinte, é o processo do enunciado. No nosso sonho do outro dia, “**ele está morto**”. Mas quando vocês anunciam alguma coisa de parecido na qual eu lhes faço notar, de passagem, toda a novidade da dimensão que introduz a palavra no mundo já está implicada, pois para poder dizer “**ele está morto**”, isso só pode se dizer, dito de outra forma, numa perspectiva completamente diferente daquela do dizer “Ele está morto” não quer absolutamente dizer nada; “**ele está morto**” é: “ele não é mais”, portanto ele não deve dizê-lo, ele já não está mais aí. Para dizer “**ele está morto**”, é que isso já seja um ser suportado pela palavra. Mas isso não se demanda a ninguém de se aperceber, é claro, mas simplesmente ao contrário disso, é que o ato da enunciação de: “**ele está morto**” existe comumente no próprio discurso todo tipo de pontos de referência que se distinguem dos pontos de referência tomados a partir do enunciado do processo.

Se o que eu digo aí não fosse evidente, toda a gramática se volatilizaria. Eu estou simplesmente fazendo-lhes notar, por enquanto, a necessidade do uso do futuro anterior [pretérito-mais-que-perfeito, em português] enquanto que há duas localizações no tempo. Uma localização no tempo concernente ao ato do qual vai se tratar: “em tal época eu teria me tornado seu marido”, por exemplo, e se trata da referência daquilo que vai se transformar em casamento no enunciado; mas, por outro lado, porque vocês o exprimem no tempo do futuro anterior, é, no ponto atual de onde vocês falam, do ato da enunciação que lhes localiza. Há, portanto, dois sujeitos, dois eu [Je], e a etapa a ser ultrapassada pela

3 de dezembro de 1958

criança no nível desse teste de Binet, a saber, a distinção desses dois eu [Je], me parece algo que não tem literalmente nada a ver com essa famosa redução à reciprocidade da qual Piaget nos faz o pivô essencial quanto à apresentação do uso dos pronomes pessoais.

Mas deixemos, portanto, isso, por enquanto, de lado. Ei-nos chegados a quê? À apreensão dessas duas linhas como representando uma, àquilo que se relaciona ao processo da enunciação; a outra, ao processo do enunciado. Que elas sejam duas – isso não é que cada uma represente uma função – é que sempre esta duplicidade, cada vez que vai se tratar de funções de linguagem, nós deveríamos reencontrá-la. Digamos ainda que não somente elas são duas, mais que elas terão sempre estruturas opostas, descontínua aqui, por exemplo, para uma, tanto quanto a outra é contínua, e inversamente.

Onde se situa a articulação de Anna Freud?

Aquilo para que serve essa topologia, não é para que eu lhes dê a resposta, eu quero dizer que eu declaro assim de primeira porque isso me agradaria, ou mesmo porque eu veria um pouco mais além, levando em conta que fui eu que fabriquei o truque, e que eu sei para onde vou, daí que lhes diga: ela está aqui ou ali. É a questão que coloco. A questão se faz daquilo que representa essa articulação, no caso, que é a face sobre a qual se apresenta para nós a realidade do sonho de Anna Freud, e que no caso dessa criança que foi muito bem capaz de perceber o sentido da frase de sua babá – verdadeira ou falsa, Freud a implica, e Freud a supõe, pois uma criança de dezenove meses entende muito bem que sua babá vai lhe fazer uma “encheção de saco” - se articula sob essa forma que eu chamei floculada [*flouclé*] (essa sucessão de significantes em uma certa ordem, esse algo que toma sua forma pelo seu empilhamento, de sua sobreposição, se assim posso dizer, em uma coluna, pelo fato de se substituírem umas às outras, essas coisas enquanto cada uma dentre tantas metáforas do outro). O de que se trata então é de fazer saltar, aparecer, é, a saber, a realidade da satis-fação enquanto que inter-dita, nós não iremos mais adiante com o sonho de Anna Freud.

No entanto, nós daremos o passo seguinte. Então, uma vez que nós tenhamos suficientemente começado a desembaralhar essa coisa toda, nos demandando agora aquilo que, já que se trata de topologia do recalque, aquilo para que vai poder nos servir o que começamos a articular quando se trata do sonho do adulto, a saber, como, qual é a verdadeira diferença entre o que vemos bem ser uma certa forma que toma o desejo da criança por ocasião do sonho, e uma forma certamente mais complicada já que vai dar muito mais preocupação, ao menos na interpretação, a saber, aquilo que se passa no sonho do adulto.

Freud nisso não faz nenhuma espécie de ambigüidade, não há nenhuma dificuldade, basta ler o uso e a função daquilo que intervêm, é da ordem da censura. A censura se exerce muito exatamente nisso que já pude ilustrar no decorrer dos meus seminários anteriores. Eu não sei se vocês se lembram da famosa história que nos tinha agradado tanto, aquela de: “Se o Rei da Inglaterra é um idiota então tudo é permitido⁶”, diz a datilógrafa pega na revolução irlandesa. Mas não era disso de que se tratava. Eu lhes havia dado uma outra explicação, a saber, aquilo que está em Freud para explicar os sonhos de punição. E mais especialmente havíamos suposto a lei: “Quem quer que diga que o Rei da Inglaterra é um

⁶ LACAN, J.: *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la psychanalyse*, Paris, 1978, Seuil. Lição de 10 de fevereiro de 1955, págs. 156 e seguintes.

3 de dezembro de 1958

babaca, terá a cabeça cortada”, e eu lhes evocava: na noite seguinte eu sonho que tenho a cabeça cortada!

Há formas mais simples ainda que Freud igualmente articula. Já que desde há algum tempo conseguem me fazer ler *Tintin*, eu lhe tomarei emprestado meu exemplo. Eu tenho uma maneira de atravessar a censura quando se trata da minha qualidade *Tintinesca*, posso articular bem alto: “Quem quer que diga diante de mim que o general Tapioca não vale mais do que o general Alcazar, terá que se haver comigo”. No entanto fica bem claro que se eu articulo uma coisa parecida, nem os partidários do general Tapioca, nem aqueles do general Alcazar estarão satisfeitos, e direi que o que é muito mais surpreendente, é que os menos satisfeitos serão aqueles que serão os partidários dos dois.

Eis, portanto, aquilo que nos explica Freud da maneira mais precisa, e que é da natureza daquilo que é dito de nós diante de uma dificuldade muito, muito particular, que ao mesmo tempo abre, igualmente, possibilidades muito especiais. Aquilo de que se trata é simplesmente isto: aquilo com que a criança tinha de lidar era com o interdito, ao “dito que não”. Todo o processo da educação, quaisquer [que sejam os] princípios da censura, vai, portanto, formar este “dito que não”, já que se trata de operações com o significante, em um dizível, e isto supõe, também, que o sujeito se aperceba que o “dito que não”, se ele é dito, e mesmo se ele não é executado, permanece dito. Daí o fato de que “não dizê-lo” é distinto de “obedecer” ao “não fazê-lo”: dito de outro modo, que a verdade do desejo é por si só uma ofensa à autoridade da lei.

Então a saída oferecida a este novo drama é censurar essa verdade do desejo. Mas essa censura não é alguma coisa que, de qualquer modo que ela se exerça, possa se sustentar por um traço de pluma, porque aí é o processo da enunciação que é visado, e para impedi-lo algum pré-conhecimento do processo do enunciado é necessário, e todo discurso destinado a banir esse enunciado do processo do enunciado vai se encontrar em delito mais ou menos flagrante com a sua finalidade. É a matriz dessa impossibilidade que, nesse nível – e ela lhes dará muitas outras matrizes –, é dada no nosso grafo. O sujeito, pelo fato de articular sua demanda, é tomado num discurso do qual ele não pode fazer com que não seja, ele mesmo, construído enquanto agente da enunciação, e portanto, ele não pode aí renunciar sem esse enunciado, pois é se apagar então totalmente como sujeito, sabendo aquilo de que se trata.

A relação de uma a outra dessas duas linhas do processo da enunciação com o processo do enunciado é bem simples, é toda a gramática! Uma gramática racional, que se articula nestes termos..., se a coisa lhes diverte eu poderia lhes dizer onde e como, em quais termos e em que quadros isso foi articulado. Mas por enquanto aquilo com que nós lidamos é isto, é que nós vemos que tão logo o recalque se introduz, ele é essencialmente ligado à aparição absolutamente necessária de que o sujeito se apague e desapareça ao nível do processo da enunciação.

Como, por que vias empíricas esse sujeito acederia a essa possibilidade? É totalmente impossível até mesmo articulá-lo se nós não virmos qual é a natureza desse processo da enunciação. Eu lhes disse: toda palavra parte desse ponto de cruzamento que nós designamos pelo ponto **A**, isto é, que toda palavra, na medida em que o sujeito aí está implicado, é discurso do Outro. É por isso, precisamente, que de início a criança não desconfia que todos os seus pensamentos sejam conhecidos, é porque a definição de um pensamento não é, como o disseram os psicólogos, alguma coisa que seria um ato desencadeado. O pensamento é antes de tudo alguma coisa que participa dessa dimensão

3 de dezembro de 1958

do não-dito que eu acabei de introduzir pela distinção do processo da enunciação e do processo do enunciado, mas que este não-dito subsiste é claro, na medida em que para que ele seja um não-dito, é preciso dizer, é preciso dizê-lo no nível do processo da enunciação, isto é, enquanto discurso do Outro. E é o porquê da criança não desconfiar um só instante que aquilo que representa para ela esse local onde se mantém o discurso, isto é, seus pais, não sabem todos os seus pensamentos.

É, em todo caso, o seu primeiro movimento, um movimento que subsistirá enquanto não for introduzida alguma coisa nova que ainda não temos articulado aqui concernente a essa relação da linha superior com a inferior, a saber, aquilo que as mantém fora da gramática, numa certa distância.

A gramática, eu não preciso lhes dizer como ela as mantém à distância, em frases como: “eu não saiba que ele esteja morto”, “ele não está morto, que eu saiba”, “eu não sabia que ele fôra morto”, “é o temor de que ele estivera morto”. Todos estes taxemas sutis, que vão do subjuntivo a um *ne* [nã], que o senhor Le Bidois chama (de um modo verdadeiramente incrível num filósofo que escreveu no *Le Monde*!) o “não expletivo [ne explétif]”. Tudo isso é feito para nos mostrar que toda uma parte da gramática, a parte essencial, os taxemas, são feitos para manter o espaço necessário entre essas duas linhas.

Eu lhes projetarei da próxima vez, sobre essas duas linhas, as articulações das quais se trata, mas para o sujeito que ainda não aprendeu essas fórmulas sutis, fica bem claro que a distinção das duas linhas se faz muito antes. Há condições exigíveis, e são essas que formam a base da interrogação que eu lhes trago hoje. Essa distinção está muito essencialmente ligada, como, cada vez, é claro, que vocês vêem que se trata de algo que não é uma localização temporal, mas uma localização tensional, isto é, de uma diferença de tempo entre essas duas linhas. Vocês vêem bem a relação que pode haver aí entre isso e a situação, e a topologia do desejo.

Nós estamos aí. A criança durante um tempo é, em suma, inteiramente tomada no jogo dessas duas linhas. Para que se possa produzir o recalque, o que é necessário aqui? Eu diria que hesito antes de me engajar numa via pela qual, afinal de contas, eu não queria que se parecesse com o que ela é, uma via concessiva. A saber, que eu recorra a noções de desenvolvimento propriamente falando, quero dizer que tudo esteja implicado no processo empírico ao nível do qual isso se produz, de uma intervenção, de uma incidência empírica e certamente necessária, mas a necessidade à qual essa incidência empírica, esse acidente empírico, a necessidade na qual ela vem lembrar, que ela precipita na sua forma, é de uma natureza outra.

Seja o que for, a criança percebe em um momento dado que esses adultos que são supostos conhecer todos os seus pensamentos, e aqui justamente ela não vai ultrapassar esse passo... de um certo modo ela poderá reproduzir mais tarde a possibilidade que é a possibilidade fundamental daquilo que nós chamaremos rapidamente, resumidamente, a forma dita “mental” da alucinação, que aparece essa estrutura primitiva daquilo que nós chamamos esse pano de fundo do processo da enunciação, paralelamente ao enunciado corrente da existência que se chama o eco dos atos, o eco dos pensamentos expressos. Que o conhecimento de uma *Verwerfung* isto é, de quê? daquilo de que eu vou lhes falar agora, não tenha sido realizada, e que é o quê? Que é isto, que a criança num momento se a percebe que esse adulto que conhece todos os seus pensamentos, não os sabe nem um pouco. O adulto, ele não sabe, que se trate no sonho de “ele sabe” ou “ele não sabe que ele está morto”. Nós veremos na próxima vez o significado exemplar, na época, dessa

3 de dezembro de 1958

relação, mas por enquanto nós não temos de aproximar esses dois termos pelo motivo que nós não estamos ainda bastante avançados na articulação daquilo que vai ser cunhado no recalque. Mas a possibilidade fundamental daquilo que só pode ser o final desse recalque, se ele for bem sucedido, isto é, não simplesmente que ele afeta o não-dito com o sinal “não” que diz que ele não é dito enquanto o deixa dito, mas que de fato o não-dito seja uma tal coisa, sem dúvida alguma essa negação é uma forma tão primordial que não há nenhuma espécie de dúvida que Freud põe a *Vernäunung* que parece, no entanto, uma das formas mais elaboradas, no sujeito, do recalque – já que nós o vemos nos sujeitos de uma alta florescência psicológica – que no entanto, Freud a ponha de imediato depois da *Bejahung* primitiva, portanto é bem como eu estou lhes dizendo, por uma possibilidade, por uma gênese, e mesmo por uma dedução lógica que ele procede – como eu faço agora diante de vocês – e não genética. Essa *Vernäunung* primitiva, é aquilo do que eu estou lhes falando a respeito do não-dito, mas o “ele não sabe”, é a etapa seguinte, e é precisamente pelo intermediário desse “ele não sabe” que o Outro, que é o lugar da minha palavra é o ninho onde habitam meus pensamentos, e que pode se introduzir o *Unbewußte* no qual vai entrar para o sujeito o conteúdo do recalque.

Não me façam ir mais longe nem mais rápido do que estou indo. Se lhes digo que é, a exemplo deste Outro, que o sujeito procede para que nele se inaugure o processo do recalque, eu não lhes disse que era um exemplo fácil de seguir. Primeiro, já lhes indiquei que há mais de uma maneira, visto que enunciei a respeito disso a *Verwerfung* e que fiz reaparecer aí – eu o rearticularei da próxima vez – a *Vernäunung*.

A *Verdrängung* o recalque, não pode ser alguma coisa que seja tão fácil de aplicar. Pois, se no fundo, aquilo de que se trata é que o sujeito se evanesce, fica claro que aquilo que é bem fácil de [fazer] aparecer nesta ordem, [é] a saber, que os outros, os adultos, não sabem nada. Naturalmente, o sujeito que entra na existência não sabe que se eles não sabem nada, os adultos, como cada um sabe, é porque eles passaram por todo tipo de aventura, precisamente as aventuras do recalque. O sujeito não sabe nada disso, e, para imitá-los, é preciso dizer que a tarefa não é fácil, porque para que um sujeito, ele próprio, se escamoteie, como um sujeito, é operação de prestidigitação um pouco mais forte do que muitas outras que eu sou levado a lhes apresentar aqui. Mas digamos que, essencialmente, e de um modo que não traz absolutamente nenhuma dúvida, se nós temos que rearticular os três modos sob os quais o sujeito pode fazê-lo, *Verwerfung*, *Vernäunung* e *Verdrängung*. A *Verdrängung* vai consistir em que, para atingir de modo que seja, pelo menos possível, se não durável, aquilo de que se trata de fazer desaparecer deste não-dito, o sujeito vai operar pela via que lhes chamei a via do significante. É sobre o significante, e sobre o significante como tal, que ele vai operar, e é por isso que o sonho que eu proferi da última vez – em torno do qual continuamos a girar, aqui, apesar de que não o tenha reevocado completamente neste seminário de hoje, *o sonho do pai morto* –, é por isso que Freud articula a esse respeito que o recalque conduz essencialmente à manipulação, a elisão de duas cláusulas, a saber, nomeadamente, “*nach seinem Wunsdi*” está depois de “*ele não sabia*” que era “segundo seu voto/desejo” [“selon son voeu”], que, assim fazia, “segundo o seu voto/desejo”.

O recalque se apresenta na sua origem, na sua raiz, como alguma coisa que em Freud não pode se articular de outra forma do que como alguma coisa portando sobre o significante.

Eu não lhes fiz dar um grande passo hoje, mas é um passo a mais, pois é o passo que vai nos permitir ver a nível de que tipo de significante porta essa operação do recalque. Nem todos os significantes não são igualmente lesáveis, recaláveis, frágeis. Que isso já tenha

tido alcance sobre o que chamei duas cláusulas é de uma importância essencial. Ainda mais essencial é que isso vai nos por ao ponto de designar aquilo de que se trata propriamente falando quando falamos do desejo do sonho primeiramente, e do desejo simplesmente, em seguida.